

GOMES, Wilson. *Crônica de uma tragédia anunciada: como a extrema-direita chegou ao poder*. 1ª ed. Salvador/ BA: Sagga Editora e Comunicação, 2020. 228 p.

Gelson Teodoro de Souza Junior e Thiago Casavechia de Assis.¹

O livro escolhido para o desenvolvimento é *Crônica de uma tragédia anunciada: Como a extrema-direita chegou ao poder*, do escritor baiano Wilson Gomes, doutor em filosofia, professor titular da faculdade de comunicação da UFBA e autor de *Transformações da política na era da comunicação de massa* (Paulus, SP) e *A democracia no mundo digital* (Edições Sesc, SP), dentre outros livros e artigos na área comunicação política e política em meios digitais. É ainda coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital. Em decorrência desse exímio currículo, Gomes é um excelente comunicador nas redes, possuindo inúmeros seguidores. Nas redes, ele tece comentários sobre nossa democracia e como chegamos aonde chegamos em relação ao país.

O livro em questão é dividido em vários capítulos nos quais o autor apresenta como o Brasil está depois desses quase dez anos de extrema polarização. Começando pelos protestos de 2013 e o antipetismo de 2014, o autor apresenta a ideia de como esses movimentos modificaram a base da política petista da época. No decorrer do texto, temos outros exemplos de situações que mostram o quão fragilizada está nossa democracia. Como o livro possui vários pontos, escolhemos quatro para analisarmos e, por fim, servir de base para nossa última discussão.

Como uma coletânea dos fatos, os quatro capítulos escolhidos para desenvolvimento apresentam uma visão de momento, deixando de lado o famoso método de se recuar do objeto de estudo e esperar o sangue esfriar para assim comentar. O autor afirma que o livro é uma tentativa de entender o momento estando presente nele. Ele mesmo concorda que isso é, de certa forma, perigoso, mas diz que, por um lado, os fatos ainda frescos permitem menos atrevimento do que quando estão a distância. Escreve que tudo o que foi desenvolvido não passa da tentativa de uma interpretação dos acontecimentos e não um diário sobre os últimos anos do país. Gomes (2020, p.13) escreve:

Há de se corrigir a este ponto uma outra expressão com que abri esta introdução. “Falei retratos instantâneos”, mas esta não é uma metáfora perfeita. Trata-se de instantâneos, sim, mas não de um espelho dos fatos, um registro fiel dos acontecimentos, como se poderia esperar de quem pretendesse apenas descrever, da forma mais exata possível, o que teve diante dos olhos. Não é um diário de expedição ou um registro etnográfico, [...] não no sentido de uma interpretação precipitada ou sem pausa para reflexão, mas enquanto os eventos ainda se desenvolviam a vista de todos.

¹Resenha elaborada pelos estudantes do Centro Universitário Sagrado Coração, sob a orientação da Profª Drª. Lourdes M. G. C. Feitosa.

O primeiro capítulo que abordaremos é o “Se na democracia a vontade da maioria prevalece, Dilma não deveria sair?” O autor começa o capítulo apresentando alguns dados mostrados mediante um *meme* pelo então deputado federal Pauderney Avelino, à época no DEM, em que dizia que 62% da população queria o afastamento da ex-presidente Dilma. E dessa forma, o mais democrático seria o *impeachment*. Com isso, ele traz o seguinte questionamento: quem foi que inventou essa de que as ruas conferem ou detêm os mandatos? O escritor afirma que a esquerda brasileira tem certa parte na criação desse movimento, embasado no poder das massas, mas a direita que é também populista, usou isso como argumento para afirmar que o povo estaria a favor do fim dos governos do PT.

Gomes destaca que não quer desmerecer esse argumento, sendo de certa forma válido, mas constatar o fato de que ele pode ser usado como massa de manobra, principalmente se o povo que estiver na rua for o sujeito “Apolítico”, aquele que não tem interesse em política, quanto mais fazer parte dela. (Gomes, 2020, p.75)

Segundo o autor, a democracia está aqui para não ser possível que o povo na rua tome e crie mandatos. A democracia não está ao bel-prazer dos acordos e das nuances da sociedade. A regra do jogo é que os governantes não devem ser retirados dos seus postos por questões de machismo e, sim, se os próprios violarem as regras do jogo. A máxima da democracia deve ser as urnas.

Ao concluir esse capítulo, afirma-se que as democracias não devem estar sujeitas àqueles que ocupam as ruas e desejam tomar os governos por manifestações violentas. Ao povo cabe demonstrar como está se sentindo em relação às ações daqueles que governam, mas não cabe a ele o afastamento dos chefes de Estado. Assim, “Galeras não governam, apenas expressam, legitimamente na maior parte das vezes, a posição ou reivindicação política a parte da sociedade que representam. É tão simples assim” (Gomes, 2020, p.76).

O segundo é intitulado “2017: O ano em que o Brasil ficou estúpido, conservador e ainda mais autoritário”. Gomes inicia o texto afirmando que esse foi o ano em que a população descobriu que o “mau e caos” estavam nas manifestações culturais como filmes e quadros e que a sociedade, coitada, só precisava ser rapidamente protegida desses feroces movimentos. Traz ainda um exemplo mostrando que, tanto a esquerda quanto a direita brasileira, nutrem um especial asco pela Rede Globo. Afirma que no ano de 2017 a diretoria começou a enfrentar inúmeros movimentos que iriam contra a moral da sociedade, boicotando festivais, atacando artistas e deturpando manifestações culturais para que pudessem usá-las como argumento contra a esquerda.

Reacionários usaram a performa de um artista nu para criar um movimento que acusava todos os envolvidos de pedofilia. Em sua análise, o autor destaca que não vemos casos de artistas que abusam de crianças em seus palcos, mas que existem inúmeros casos de abusos nos meios religiosos. Para ele:

[...] se as pessoas estivessem realmente preocupadas com o abuso sexual por adultos deveriam estar menos preocupados com os palcos e mais com o que acontece atrás dos altares, menos angustiados com galerias e mais com o aconchego do lar, onde pais, padrastos, tios (e sua contraparte feminina) fazem misérias com as nossas crianças. (Gomes, 2020, p.174)

O país deveria prestar atenção nesses acontecimentos, pois eles exemplificam o caos social em que nos encontrávamos. Era comum encontrar vídeos de confrontos entre pessoas com visões de esquerda e associados do bolsonarismo e do MBL. Os confrontos entre os integrantes dos movimentos surgiam a partir das diferentes conclusões que cada um possuía sobre o que era certo ou errado em relação à participação nos centros de estudos. Cada grupo, baseado em suas próprias convicções, tinha claros objetivos. Cada espectro acredita em uma democracia que beneficie seus próprios interesses e valores, que surgiam a partir da exibição de filmes em universidades, existe uma clara polarização na aprovação dos filmes com base nas suas orientações políticas. Filmes de viés esquerdista são desaprovados por aqueles que são de direita, enquanto filmes de viés direitista são desaprovados pelos movimentos de esquerda. No entanto, é importante ressaltar que essa situação é um exemplo do clima polarizado que vivenciamos e requer atenção por parte de todos. Gomes acredita que filmes e outras linguagens são como a lendária caixa de pandora, ou seja, ninguém sabe o que pode acontecer caso um show, um documentário ou uma conferência seja contrária à opinião de um universitário.

Finalizando o capítulo, pode-se concluir que ações violentas estavam presentes em diversos campos ideológicos, enquanto o movimento de silenciar a opinião alheia ganhava força. Observava-se um aumento de ações e manifestações que buscavam impor visões de forma agressiva, e indivíduos munidos de câmeras sentiam-se no direito de invadir esses espaços na tentativa de calar a voz dos participantes. Essa tendência preocupante demonstrava uma crescente intolerância e falta de diálogo entre os diferentes grupos políticos. Segundo Gomes (2020, p. 175), “O que muda é que, como observamos na história dos anos 1920 e 1930 na Europa, saem as camisas vermelhas, entram as camisas pretas. O autoritarismo e o dogmatismo, contudo, continuam o mesmo”.

No terceiro capítulo, “Decodificando o Bolsonarismo”, o escritor inicia pontuando que não devemos subestimar o então candidato Bolsonaro. Descreve que as eleições são definidas por problemas principais. FHC foi eleito e reeleito pelo medo da inflação e do caos fiscal; o PT ganhou quatro eleições por trazer a questão social à tona. Já Bolsonaro se beneficiou de alguns problemas principais. O primeiro será a grande adversidade brasileira presente nos políticos. Estes são a maior causa dos problemas nacionais e representam o jogo político como sendo um ninho de cobras. Segundo ele, a corrupção é o resultado direto da falta de caráter dos nossos agentes (Gomes, 2020, p.199). O segundo ponto é o grande sentimento antipetista que estava nos corações dos eleitores em 2018. O PT, por conta de todos os escândalos de corrupção, representava tudo que estava liga-

do à má fama da política. Além desses, a questão da violência urbana e da guerra cultural também beneficiaram Bolsonaro.

Ainda é importante que o candidato represente, aos olhos dos eleitores, como o melhor a resolver esses problemas. Foi assim com Collor, FHC, Lula, Dilma e, por fim, com o Bolsonaro. Este representa um candidato que todos sabem que não é esperto, muito menos capacitado para ser presidente, mas isso é deixado de lado por ele ser autêntico, afirma o autor. Além disso, o candidato possuía um discurso armamentista e era de longe o que mais representava o sentimento dominante do antipetismo. Fora todos os outros problemas que ele carregava, como o machismo, o reacionarismo, o liberalismo de mercado e a LGBTQIA+ fobia.

O último tema aqui analisado foi “A eleição do Fim do Mundo”. Nele, o autor se debruça para entender o sentimento que a eleição de 2018 trouxe ao brasileiro. “Há algo de muito estranho e fora do prumo com essas eleições” (Gomes, 2020, p. 248). A polarização política é um dos motivos que colocou a sociedade em atenção naquele ano; todos estavam prestando atenção nas ações dos candidatos, entretanto, isso gerou problemas por conta de muitos eleitores abandonarem o racional e partirem para ações que fugiam do moderado. Ficou claro era que a eleição de 2018 trouxe como resultado o abandono da nação em prol de um projeto único de país. Os lados tinham uma forma de agir que estava mais interessada em mostrar o seu próprio projeto como o certo, abrindo mão de construir um debate sólido sobre as propostas dos mais de dez candidatos. Outro ponto que o autor realça foi o sentimento antipolítica. Muitos eleitores, embora se apresentassem como defensores da democracia, mostravam um sentimento de desprezo pelo jogo democrático. Como Gomes (2020, p.249) afirma:

A antipolítica, paradoxalmente, é acompanhada por intenso engajamento político e por um sentimento muito agudo de ultraje moral, de indignação ética. Atualmente, somos cínicos em tudo, menos em política. Em política, somos arrebatados por uma fúria descomunal, que não se dirige aos adversários da minha posição política (polarização), como também se volta contra o inteiro sistema político. O que pode resultar de uma eleição em que as pessoas odeiam a política, descobriremos em breve.

Posto isso, o que modificou a eleição também foi a grande participação das pessoas no debate político, que desde a década de 1960 vem diminuindo. Os eleitores começaram a demonstrar a opinião política nas redes sociais, mesmo que essas fossem reacionárias. As *fake news* se tornaram, infelizmente, grandes transformadores nas eleições. As mentiras sobre os candidatos se dispersaram por conta da rapidez da internet, o que obstruiu o debate justo e democrático do Jogo. Boa parte das discussões era voltada para questões morais, o que mostrava que, para muitos dos brasileiros, é mais importante bravatas sobre orientação sexual e opiniões morais do que um debate franco sobre as nossas contas fiscais e outros problemas enraizados no Brasil (Gomes, 2020, p.250).

Concluindo, o autor termina dizendo que a última característica foi a fragmentação política. Pensando que poderiam usurpar o lugar do PT na homogeneidade política, aqueles interessados no Golpe acabaram por criar uma desorganização completa no sistema brasileiro. O que já era complexo se tornou ainda mais perigoso. As pontes criadas entre a esquerda Lulista com os partidos do centro, com os bancos e com as opiniões públicas, foram destruídas e criou-se um campo de batalha verdadeiramente caótico. Gomes (2020, p.251) conclui que “O tipo de país que pode emergir de uma escolha da elite política em condições tão peculiares é justamente o que nos faz ter medo desta que já está sendo considerada, não com alguma razão, a eleição do fim do mundo”.

Ao resenhamos o livro do professor Gomes sobre a nossa democracia, observamos uma análise cuidadosa deste momento de nossa história do Brasil. Ficou claro que a tentativa do processo de rompimento democrático do então ex-presidente Bolsonaro foi resultado de pelo menos oito anos de transformações políticas no Brasil.

Como dito pelo professor, o golpe que a ex-presidente Dilma sofreu, de certa forma foi o estopim que resultou na ocupação do espaço de debate político pelos fascistas e reacionários, que por alguns anos ficaram escondidos, mas com o avanço das pautas morais, se mostraram forte no momento de criarem *fake news*. O país passou por um processo de *impeachment* claramente comprado pelos opositores e defendido até mesmo pelo vice-presidente da república Michel Temer (MDB). E este, em nossa análise, foi a primeira peça a se movimentar para que a desordem política se instaurasse.

Concluimos que nos últimos anos o Brasil passou a ser palco de inúmeros movimentos que pregam a pureza moral, principalmente vindo de integrantes de religiões cristãs, que por meio de deturpação da Bíblia perseguem aqueles que, para eles, não possuem boas condutas. Esse movimento também enfraquece a nossa democracia no momento em que deixa de lado direitos básicos, além ferirem a nossa identidade religiosa, resultado de anos de transformações religiosas.

Encerrando, o livro “Crônicas de uma tragédia anunciada” mostra, com clareza, como a nossa democracia se enfraqueceu nos últimos anos, resultado de erros gravíssimos dos nossos poderes, além de mostrar que a nossa sociedade pode buscar falsos salvadores, que, ao final, podem comprometer o sistema democrático. O Bolsonaro e o bolsonarismo são reflexos dos anos de falhas no jogo político. O obscurantismo tomou controle da nossa democracia e isso ficou claro quando os apoiadores do ex-presidente, e o próprio, atacaram as instâncias democráticas. Os crimes cometidos contra nossa pátria, como as privatizações, o desmatamento, o genocídio indígena relacionados com a falta de cuidado sobre a pandemia de COVID-19, demonstraram que a nossa democracia sofreu um risco real de se enfraquecer em um futuro próximo.